





O CANTO DAS MONTANHAS

Realização: Núcleo de Cultura Indígena

Produção: Angela M. Pappiani

Gravação em campo, mixagem e masterização: Evandro Lopes

Assistentes de produção: Erlié Pedro de Lacerda e Elisa Otsuka

Mixagem e masterização: Estúdio Sonhos e Sons

Desenhos: Ailton, Maurício, Itamar e José Carlos Krenak,

Mongangá, Kanatyó e Marisvaldo Pataxó, Joviel, Gilmar, Ismail, Rafael e Zezinho Maxakali

Fotografia: Igor Pessoa

Projeto gráfico: Tâmaras Comunicação e Arte

Apoio: Quilombo Criação e Produção e Estúdio Verde

As transcrições em idiomas Krenak, Maxakali e Pataxó respeitaram a ortografia usada pelos professores indígenas em formação dentro do Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais.

Todas as músicas aqui registradas, foram editadas e o direito autoral garantido a cada uma das comunidades indígenas.

Agradecimentos:

Marcus Viana e Ana, Cláudia Ferreira, Anselmo Lafettá e meninos, Zézinho e Eunice, Eustáquio, Joãozinho, Beth e Cristiano, Oswaldo e Rosélia, Sérgio, Rogério, Suely e Tatiana, Prefeitura de Santana do Riacho, IBAMA - Parque Nacional da Serra do Cipó, Polícia Militar, às escolas de Jaboticatubas, Santana do Riacho, Conceição do Mato Dentro, Okamura, Biel Fortuna, Sammy Hart, Maira e Inimá, Dímira, Marcelo. Em especial, agradecemos ao Colégio de Cardeal da Mota e ao pessoal do Candombe que fez a festa da chegada e a todo o povo da Serra do Cipó.

O Festival de Dança e Cultura Indígena da Serra do Cipó é um encontro de tribos. Nosso culto aos ancestrais, a todos os seres da Criação.

É nossa maneira de abraçar também os outros povos e culturas que vieram para cá um dia.

Assim, estamos chegando das aldeias com os donos da festa para alegrar a montanha e seus espíritos ancestrais, guardadores das águas claras, no alto da Serra do Cipó.

Ailton Krenak
Coordenador do Festival



O I Festival de Dança e Cultura Indígena da Serra do Cipó reuniu, entre os dias 25 e 29 de setembro de 1998, três tribos que vivem hoje em Minas Gerais, os Krenak, Maxakali e Pataxó, numa grande festa. Homens, mulheres e crianças se enfeitaram para cantar e dançar em homenagem aos ancestrais, celebrando a vida. Foram 5 dias de festas, do nascer ao pôr do sol, com a presença de centenas de visitantes, gente da Serra do Cipó e gente que veio de longe para se juntar a essa celebração.



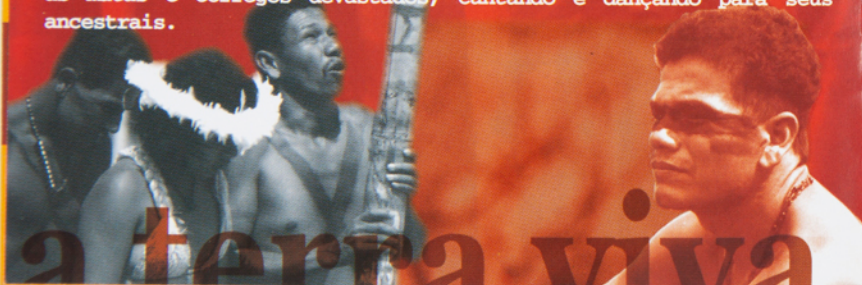
Os cantos que compõem este disco foram gravados durante as cerimônias de religação com os ancestrais, dentro da força e energia da Serra do Cipó.

Krenak

Nossos antepassados viveram neste paraíso através de seus costumes e conhecimentos. Eles não sabiam que um dia isso poderia acabar com a chegada de estranhos que só pensavam em riquezas. Nós, Borum, verdadeiros Krenak, depois de tantas mudanças e transformações, vivemos hoje a leste de Minas Gerais, na divisa com o Espírito Santo. Somos 400 pessoas e vivemos da pesca, da caça e da agricultura. Nós mantemos nossa cultura, nossa língua e trabalhamos para nossa sobrevivência.

Maurício e Itamar Krenák

Os Borum, como se autodenominam os Krenak, vivem hoje em sua reserva, próxima ao município de Resplendor, às margens do Rio Doce. Ficaram conhecidos na história do Brasil como botocudos ou Aimorés, desafiaram todas as iniciativas de pacificação, levando D. João VI a decretar contra eles, uma guerra de extermínio no sec. XIX. Mas a força e a tradição desse povo venceu todas as tentativas de fazê-los desaparecer e eles estão hoje cuidando de seu território, recuperando as matas e córregos devastados, cantando e dançando para seus ancestrais.



1. THEON HÔ 1'36"

As flautas longas de bambu abrem o ritual Taru Andék, invocando os Maret - espíritos protetores

2. YRNÔN DHIUK INDHIAK 2'21"

Canto dos homens no terreiro da aldeia, carregando as flautas longas, chamando as forças do relâmpago e trovão que ligam o Céu com a Terra

3. HÔ NYM PAREM 1'02"

Canto das mulheres chamando o povo da aldeia para saudar os Maret

4. KICROK TONDON NUKUIN 1'19"

Chamada feita no terreiro de festas com flautas de taquara e bambu

5. NAK INHAUT BORUM RERRÉ 1'30"

Canto da Terra. O povo canta e dança em alegria por sentir a terra viva, dando vida a cada ciclo da natureza

6. PO HAMÉK 1'40"

Cantiga das mulheres, de animação e brincadeira com as crianças

7. TARU RUNDHIUM 1'42"

Dança do Céu. Canto de invocação do Céu para vir dançar com os Borum no terreiro de festas

8. THI RUHÁ NIM NENGÂM 1'55"

As mulheres cantam anunciando a chegada dos festeiros que vieram de longe para a cerimônia do Taru Andék

9. KICROK TONDON NUKUIN 1'53"

Chamada das flautas de taquara e bambu



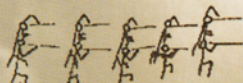
céu, vamos dançar

Maxakali

Os Maxakali se autodenominam Tikmã-ã, que quer dizer nós, os humanos. Vivem no Vale do Mucuri, nordeste de Minas Gerais, próximos a Teófilo Otoni. Apesar de mais de 300 anos de contato com os brancos, esse povo segue falando unicamente sua língua, fazendo suas cerimônias, dentro de sua tradição. São cerca de 800 pessoas sobrevivendo da escassa pesca e caça em um território devastado e cercado por fazendas. Mas a tradição recria a vida nos rituais, o canto faz a ligação entre o mundo terreno e o mundo dos espíritos.

cantar amolece a língua

O canto é trazido pelos Yāmiy - os espíritos. Os yāmiyxop - as cerimônias - trazem os Yāmiy para cantar e habitar novamente entre os vivos. Todo Tikmã-ãn, tem um canto, tem um Yāmiy.



A gente não canta de brincadeira, a gente não faz nada sem 'religião'. Tem a 'religião' de fazer a roça, de caçar, de curar o doente e de acalmar a aldeia.
Noêmia Maxakali



- 04 Tappet mīy 'āgtux
- 05 Mōnāyxop xi tuxxop 'āgtux
- 06 yāmiyxop 'āgtux

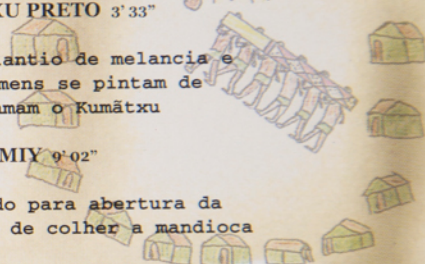
10. KUAYAKIVI 9'00"

Um dos cantos transmitidos e cantados pelos Yāmiy quando está no tempo de arrancar a mandioca



11. KUMĀTXU PRETO 3'33"

Para começar o plantio de melancia e amendoim os homens se pintam de preto e chamam o Kumātxu

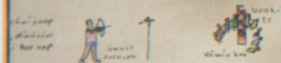


12. YĀMIY 9'02"

O Yāmiy é cantado para abertura da religião, no tempo de colher a mandioca

13. KUMĀTXU VERMELHO 3'10"

Mesma cerimônia de cultivo da melancia e amendoim. Este é um canto de Kumātxu vermelho, com os homens pintados de urucum



Pataxó

Nossos ancestrais estão presentes na natureza. Não estamos separados. O céu, a terra, os astros, a natureza, tudo está ligado. Pertencemos a esse mundo, somos parte dele e aprendemos o tempo todo com todos os outros seres e as forças da natureza.

Kanatyo Pataxó

O povo Pataxó vive hoje no litoral sul da Bahia e em Minas Gerais. Ocupavam originalmente uma vasta região que ia do Espírito Santo à Bahia, entrando pelo sertão de Minas Gerais. Depois de muitos conflitos e dificuldades em ter seu território reconhecido no litoral baiano, um grupo se deslocou há cerca de 30 anos atrás e se instalou na Fazenda Guarani, perto de Carmésia. Ali vivem hoje, cuidando da roça, do artesanato e fazendo suas festas, reconstruindo sua identidade e cultura.

**pisar sobre a terra
com cuidado**



14. MUCARÁ 1' 42"

Os homens e as mulheres cantam juntos no pátio da aldeia, invocando a força dos espíritos que está na natureza

15. MIRAPÉ 2' 15"

Esta é a dança da alegria. As famílias se reúnem para comemorar os acontecimentos bons na aldeia, o casamento, a fartura, o nascimento de um filho

16. TAPUNAHÃ 1' 45"

Homens, mulheres e crianças se juntam em volta da caça e cantam para agradecer aos ancestrais pela boa sorte na caçada

17. DAUÊ MAIÔ INHÉ 2' 27"

Quando a lua cheia e a lua nova aparecem no céu, o povo se reúne no terreiro da aldeia em volta da fogueira e canta para agradecer a presença da lua

18. PENAÔ BAIXU 1' 50"

Pisar com cuidado sobre a terra, sem deixar marcas. O índio caminha sem maltratar, sem alterar a natureza

19. HÔ MARACÁ TXÉ 2' 28"

O guerreiro que vai para a luta se prepara para ter força e habilidade com a borduna. Este é o canto e dança de preparação para a luta com bordunas

20. ÊKÉ IÁ DIPÊ 0' 29"

Este canto é originalmente das mulheres, mas aqui é interpretado pelas crianças da aldeia. Elas cantam com o arco e flecha na mão, mostrando que homens e mulheres são como a teia de aranha, que não podem viver um sem o outro



